AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
http://ageconsearch.umn.edu
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

COMPETITIVIDADE DA FRUTICULTURA POTIGUAR: O CASO DO MELÃO NO PERIODO DE 1996 A 2005.

FRANCISCO JURDAM ALVES; ETEVALDO ALMEIDA SILVA; ADONIAS DE MEDEIROS VIDAL JUNIOR;

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ - RN - BRASIL

etevaldoal@hotmail.com

APRESENTAÇÃO ORAL

Comércio Internacional

COMPETITIVIDADE DA FRUTICULTURA POTIGUAR: O CASO DO MELÃO NO PERIODO DE 1996 A 2005.

Grupo de Pesquisa: Comércio Internacional.

Resumo: Este estudo teve por objetivo analisar a competitividade das exportações do melão do Rio Grande do Norte no cenário nacional, bem como sua participação e importância para o comércio exterior brasileiro, no período de 1996 a 2005. Utilizou-se os indicadores de desempenho da competitividade das exportações: Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) e a Taxa de Cobertura (TC). O Melão, principal fruta exportada pelo Estado do Rio Grande do Norte no período em análise, apresentou substancial incremento na pauta de exportações, chegando a ser o segundo produto mais exportado pelo Estado perdendo apenas para os produtos derivados de Petróleo. Este fato é explicado, basicamente pelos ganhos em competitividade, que foram influenciados por condições internas favoráveis ao desenvolvimento da agricultura irrigada em especial a fruticultura.
Palavras-chaves: Comércio internacional, fruticultura, indicadores de desempenho.

COMPETITIVENESS OF FRUTICULTURA POTIGUAR: THE CASE OF THE MELÃO PERIOD OF 1996 TO 2005.

Abstract: This study aimed to examine the competitiveness of the exports of melons do Rio Grande do Norte in the national scene, as well as its participation in importance to the Brazilian foreign trade, from 1996 to 2005. It was used indicators of performance of the competitiveness of exports: comparative advantages Reveladas (VCR) and the rate

of coverage (CT). The Melon, the main fruit exported by the State of Rio Grande do Norte in the period under review, showed substantial increase in tariff for exports, reaching be the second most product exported by the State losing only for products derived from oil. This fact is explained basically by gains in competitiveness, which were influenced by internal conditions for the development of irrigated agriculture in particular Fruits.
Key Words: International trade, orchards, indicators of performance

1. Introdução

A abertura comercial juntamente com a integração das economias mundiais a partir da década de 1990, proporcionou o crescimento tantos das exportações como das importações de todos os países industrializados, mesmo os considerados em desenvolvimento.A partir desta década, o setor externo da economia desempenhou papel fundamental para o desenvolvimento do país dando ênfase ao incremento da competitividade e da produtividade nacional, com destaque principalmente para os produtos agropecuários, que tem contribuído a partir de então com a balança comercial do agronegócio brasileiro (BACHA, 2004).

Tornar-se uma nação competitiva no mercado internacional resulta em benefícios internos que podem advir tanto do aumento das exportações como da redução das necessidades de importação. Em ambos os casos, são recomendáveis que a melhora no desempenho comercial fosse decorrente de maior eficiência na esfera produtiva, com redução de custos e aumento de produtividade.

Diante deste contexto a balança comercial do agronegócio brasileiro tem apresentado superávits com tendência ascendente a partir da década de 90, passando de US$ 14,7 bilhões em 1997 para US$ 25,9 bilhões em 2003. As exportações do setor saltaram de US$ 23,9 bilhões em 1997 para US$ 31,1 em 2003. Nesse período, o saldo da balança comercial brasileira evoluiu de um déficit de US$ 6,8 bilhões, para um superávit de US$ 73,1 bilhões, enquanto as importações caíram de US$ 59,7 bilhões para US$ 48,3 bilhões (MAPA, 2006).

Os produtos oriundos do agronegócio têm contribuído para o saldo da balança comercial do Brasil e, particularmente, do Rio Grande do Norte. Dentre estes merecem destaque os da fruticultura irrigada como: banana, mamão, melancia, manga, abacaxi e principalmente o melão. Procurou-se então responder ao seguinte questionamento: A produção de melão do Rio Grande do Norte apresenta vantagem comparativa em termos de competitividade no cenário nacional de frutas? Assim o objetivo desta pesquisa consistiu em analisar o comportamento e a competitividade das exportações de melão do Rio Grande do Norte e sua relevância para o saldo da balança comercial do Estado.

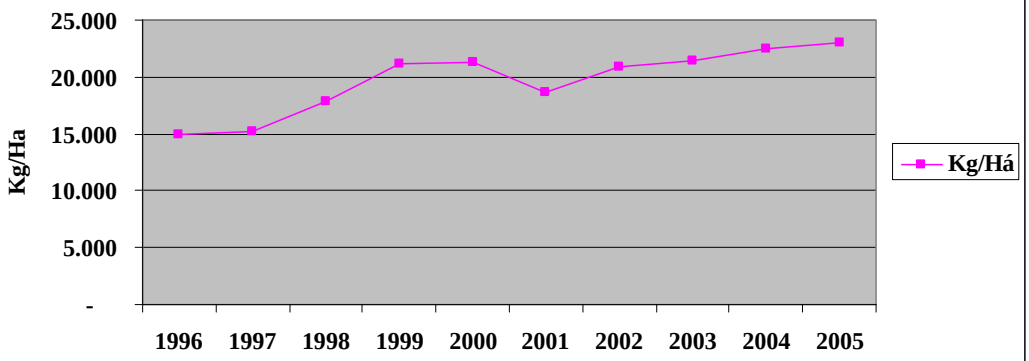
2. Considerações sobre a produção e o comércio de melão no Brasil e no Rio Grande do Norte

2.1 – Melão no Brasil.

Concorrer no mercado internacional vem sendo um desafio para os produtores brasileiros de frutas frescas que, cada vez mais, querem conquistar uma fatia maior desse atraente canal de comercialização que vem crescendo em todo o mundo. O Brasil sendo um país tropical apresenta todas as condições necessárias ao cultivo de diversos tipos de frutas, seja pelas condições climáticas, seja pelos solos férteis ou ainda pelo grande potencial de aqüíferos subterrâneos e mananciais.

Diante de vários fatores favoráveis ao cultivo, o Brasil investiu na produção de frutas frescas vendo uma possibilidade de ganho nessa fatia do mercado mundial, transformando-se no terceiro maior produtor mundial de frutas frescas segundo a FAO. Dentre uma enorme variação de frutas cultivadas pelo Brasil, a cultura do melão mostra-se em grande expansão. Os estados do Nordeste brasileiro são os que apresentam maior produtividade, principalmente o Rio Grande do Norte e o Ceará que são os principais produtores do país, atingindo as 30 toneladas por hectare. Conforme o gráfico 1 podemos observar que a produtividade média da produção de melão nacional em todo o período analisado apresentou-se crescente confirmando a capacidade produtiva do país.

Gráfico 1 - Produtividade Média da Produção de Melão no Brasil



Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos do IBGE -2006

O cultivo do melão teve seu início no Brasil especificamente no Estado de São Paulo, na década de 1960. Antes, todo melão consumido no Brasil, era importado do continente europeu, especificamente da Espanha. Em 1970 a cultura sofreu um grande impulso e passou a ser cultivada principalmente em São Paulo e no Vale do São Francisco em Pernambuco. Ao longo das últimas duas décadas a produção de melão firmou-se no Semi-Árido Nordestino como opção de investimento de curto prazo, para vendas nos mercado nacional e internacional, destacando-se o Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Bahia e São Paulo (Quadro 1). A produção nacional de melão tem evoluído nos últimos dez anos, com incremento de 58,35%, passando de 119,99 mil toneladas em 1996 para 190,00 mil toneladas em 2005, dados obtidos da FAO, 2007.

Quadro 1 - Principais Produtores Nacionais de Melão - 2005

Estados	Mil Toneladas	Área Plantada - Ha
Rio Grande do Norte	167.492	5.924
Ceará	109.556	4.394
Bahia	27.706	1.488
Pernambuco	14.780	842
São Paulo	1.126	52

Fonte: Elaboração do próprio autor apartir de dados obtidos do IBGE -2006

Como podemos verificar no Quadro 2, a área colhida aumenta de 14 mil hectares plantadas em 1996 para 16 mil hectares plantadas em 2005, um incremento de 14,28% no período. Os principais produtores nacionais juntos somam um total de 12.700 hectares, representando 79,37% da área total plantada no Brasil.

Quadro 2 - Evolução da Produção Nacional de Melão

Período	Mil Toneladas	Área Colhida / Mil Há
1996	208,00	14
1997	206,00	14
1998	247,00	14
1999	242,00	11
2000	243,00	11
2001	264,00	14
2002	352,00	17
2003	349,00	16
2004	341,00	15
2005	365,00	16

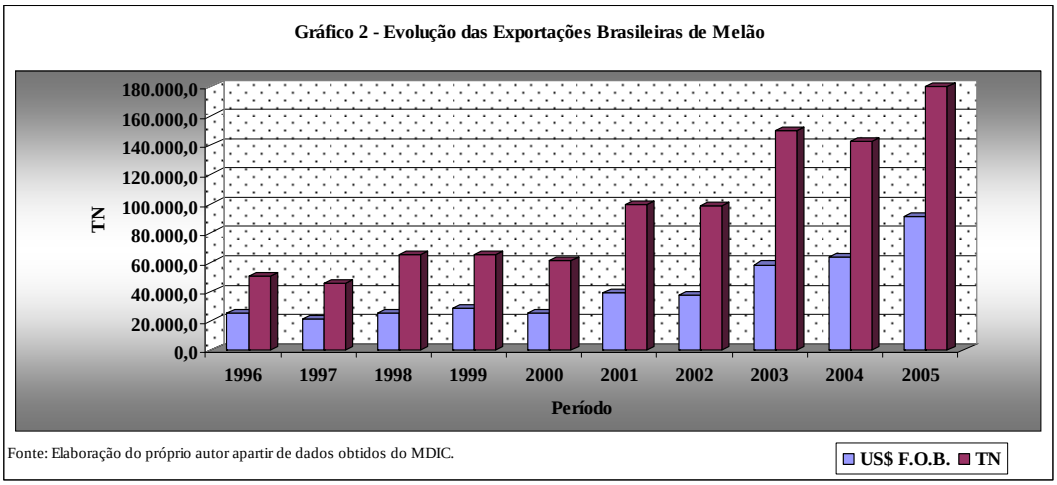
Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados do Secex.

Como apresentado no Quadro 3 e no Gráfico 2, as exportações brasileiras de melão é ascendente no período de 1996 a 2005. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX/MDIC), há um crescimento nas exportações de melão na ordem de 254,62% no período, passando de 50,71 mil toneladas em 1996 para 179,83 mil toneladas em 2005, que corresponde a um valor de US$ 66,15 milhões, representando em 2005 23,1% das exportações de frutas frescas brasileiro.

Quadro 3 - Evolução das Export. Brasileira de Melão

Ano	US$ F.O.B.	Kg
1996	25.326.783	50.719.797
1997	20.913.101	45.729.468
1998	28.323.447	65.004.755
1999	28.733.371	65.453.251
2000	25.004.970	60.904.375
2001	39.296.988	99.434.499
2002	37.778.013	98.689.913
2003	58.315.524	149.758.496
2004	63.251.151	142.587.124
2005	91.478.533	179.830.630

Fonte: Elaboração do próprio autor apartir de dados obtidos do Aliceweb/Mdic.



Apesar de seu potencial de produção durante o ano todo, poucas são as frutas brasileiras, incluindo o melão, que podem ser exportadas em volume considerável ao longo do ano. Dependendo da competitividade da produção nacional de determinada fruta, no caso do melão, em relação aos seus concorrentes, a comercialização brasileira fica restrita a determinadas "Janelas de Mercado". O Brasil é beneficiado, pois sua safra coincide com a entressafra espanhola, de setembro a abril. O melão brasileiro entra no mercado internacional entre os meses de setembro a março, competindo com Costa Rica, Honduras e Panamá somente a partir de janeiro.

Hoje, o Nordeste brasileiro destaca-se como maior produtor de melão, representando uma totalidade de 93,7% da produção nacional e 77,3% da área cultivada com melão no país, isso no mesmo ano (IBGE, SEAGRI/CE, 2006).

2.2 – Melão no Rio Grande do Norte.

A cultura do melão no Rio Grande do Norte, teve início no final da década de 1970, com introdução da cultura na região oeste, mais precisamente no município de Mossoró. Nesta região está localizado o Agropólo Assu/Mossoró o qual se divide em microrregiões produtoras, como o Vale do Assú, Baixo Assú e Chapada do Apodí, Pau Brando e Adjacências, Baraúnas, Governador Dix-sept-Rosado, Serra do Mel e Upanema, produzindo alem do melão outras culturas de exportação (COEX, 2006).

Dentre as regiões definidas como pólos integrados agrícolas do Nordeste e do Brasil, o Rio Grande do Norte aparece como um dos estados mais dinâmicos no campo da agricultura irrigada principalmente na produção de frutas tropicais, sendo o estado de maior composição na pauta de exportações de melão do Brasil, cerca de 61,24% do total em 2005.

O cultivo do melão é caracterizado por intensa modernização tecnológica que demanda altos custos de produção, caracterizado pela presença de grandes empresas dotadas de uma imensa infra-estrutura, pela qual, são escoadas as produções de um número bastante considerável de pequenos produtores do estado. Ela está concentrada na Chapada do Apodí (RN) até o sul do estado do Ceará, caracterizada pela presença de grandes empresas, sendo que de um número bastante considerável, as três maiores juntas, segundo dados da CEPEA, representam em certas épocas do ano mais de 80% do mercado do melão no Brasil. Estas grandes empresas possuem elevada infra-estrutura e tecnologia, apresentando ainda uma grande importância para a região, a qual é composta por uma quantidade bastante considerável de pequenos produtores que escoam a produção via essas grandes empresas.

As mesmas vêm passando por grandes transformações em sua infra-estrutura ao longo dos anos. Em 1997 havia apenas três empresas com estrutura de fio completa. Atualmente dez empresas já contam com estrutura de refrigeração modernizadas com capacidade frigorífica de 1500 m³ por empresa e investimentos na ordem de US$ 2 milhões. Porém, esses números são ainda insignificantes tendo em vista o número de empresas instaladas na região. Estima-se que atualmente na região do Agropólo Assu/Mossoró há em torno de 22.000 m² referentes às estruturas de 25 packings houses no quais foram investidos US$ 10 milhões operando com capacidade diária de 127.400 mil caixas, onde somente na safra 2003/2004 foram produzidas 18.720.116 caixas.

A competitividade e as exigências internacionais transformaram a agricultura praticada por essas empresas com alto grau de profissionalismo, voltada para um produto de ótima qualidade e apresentação visual. (CEPEA, 2005). A produção desta cultura no estado ainda contribui com a geração de emprego tanto direto como indireto. Em 2004, por exemplo, foram gerados 28.000 empregos diretos e 84.000 empregos indiretos principalmente aproveitando mão de obra regional, (COEX, 2006)

Conforme o Quadro 4, no ano de 2005, o melão está em primeiro lugar na pauta das exportações de produtos agrícolas e em segundo lugar no geral dos produtos exportados pelo Estado, perdendo apenas para os produtos derivados de petróleo. Daí se vê a contribuição do melão na economia do Rio Grande do Norte.

Quadro 4 - Principais Produtos Exportados Pelo RN

Ano		2005	
	Principais Produtos Exportados Pelo RN	US $ F.O.B.	Kg Líquido
1	Oleos Brutos De Petroleo	96.870.955	299.625.984
2	Melões Frescos	55.933.049	110.117.389
3	Camaroes,Inteiros,Congelados,Exceto "Krill"	48.406.527	12.461.676
4	Castanha De Caju,Fresca Ou Seca,Sem Casca	44.043.117	9.758.114
5	Bananas Frescas Ou Secas	19.544.583	66.678.152
6	Outs.Acucares De Cana,Beterraba,Sacarose Quim	18.626.860	76.300.000
7	Outros Camaroes Congelados,Exceto "Krill"	14.817.019	3.500.017
8	Outs.Chapas,Etc.De Outs.Plasticos,C/Suporte O	12.195.963	3.521.749
9	Camisetas "T-Shirts",Etc.De Malha De Algodao	11.265.920	1.228.763
10	Sal Marinho,A Granel,Sem Agregados	9.850.359	800.941.865

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos do Secex

Até 1984, quase todo o melão produzido no Brasil, era destinado ao mercado interno e, uma pequena parcela, ao mercado europeu, devido às dificuldades de acesso ao mercado exterior ser bem maior que as de hoje, principalmente para os produtos agrícolas. Uma das grandes conquistas alcançada pelo Rio Grande do Norte foi a Certificação Fitossanitária como Área Livre de Pragas, a partir de exigências do mercado norte americano de que o melão fosse produzido numa área livre de uma espécie de moscas-das-frutas das cucurbitáceas – Anastrepha Grandis. Isso motivou então, os contatos do setor produtivo com o Ministério da Agricultura, no sentido de averiguar a existência, ou não, dessa espécie de mosca na região de Assu/Mossoró, objetivando atender as exigências dos EUA para Exportação do nosso melão.Iniciadas as atividades de pesquisa em 1985 e terminadas em 1990, foi firmado um acordo bilateral Brasil/EUA, onde este reconheceu a área como sendo livre de Anastrepha Grandis, permitindo que o nosso melão tivesse acesso aquele mercado sem tratamento quarentenário pós-colheita.

Depois de decorridos 13 anos de monitoramento ininterrupto na região finalmente em janeiro de 2003 foi obtido o reconhecimento do Ministério da Agricultura, alcançando-se assim, todas as condições necessárias para o escoamento da produção das cucurbitáceas para todas as federações mundiais que exijam tal condição fitossanitária. A certificação fitossanitária dos produtos provenientes da Área Livre da praga Anastrepha Grandis é o ponto de partida para garantir a conformidade do produto, a possibilidade de rastreabilidade no processo e confiabilidade na qualidade do melão colocado nos mercados nacional e internacional (COEX, 2006).

Os produtores de melão do Rio Grande do Norte têm no mercado externo a maior parte da destinação de seus frutos, muito embora o mercado interno demonstra bastante aceitação pelo melão. Os frutos de primeira qualidade são quase totalmente destinados a Europa, onde os principais portos de distribuição são os de Roterdã, na Holanda e de Dover, na Inglaterra. O abastecimento do mercado interno embora também ocorra, não se compara em termos de lucratividade para os produtores. O principal motivo para este direcionamento é o preço pago por fruto, que no mercado externo apesar da necessidade de uma maior logística, é consideravelmente melhor que no mercado interno.

As negociações travadas em nível internacional envolvem o agente importador, representado pelos atacadistas europeus, e o produtor-exportador, representado pelas grandes empresas da região de Mossoró-RN. Os agentes exportadores brasileiros, em contado direto com o cliente externo, definem os contratos no início da safra, por volta dos meses de julho/agosto. Esses contratos podem abranger diferentes cenários de negociação, dentre os quais destacam-se contratos com preços pré-fixados no sistema FOB. Atenção especial é dada á idoneidade do agente importador a fim de evitar-se o no cumprimento das cláusulas do contrato, preferindo-se clientes com distribuição garantida nas redes de supermercados europeus.

No sistema FOB, os custos de administração, embalagem e paletização, pré-resfriamento, transporte, armazenagem frigorífica e embarque ficam a cargo do exportador. As atividades pelas quais o importador fica responsável são: transporte marítimo, manuseio e distribuição, transporte e armazenagem frigorificada no porte de destino, impostos de importação, desembaraço no porto e comissão do importador. O principal porto nacional de escoamento do melão para o mercado europeu é o porto de Natal-RN, por onde é escoada a produção do maior produtor brasileiro, o Rio Grande do Norte (CEPEA, 2005).

De acordo com o Quadro 5, as exportações de melão no Rio Grande do Norte passaram de um total de US$ 20.556.518 em 1996 para US$ 55.933.049 em 2005, havendo um incremento de 172% no período (Aliceweb/MDIC, 2006).

Quadro 5 - Evolução das Exportações de Melão do RN

Ano	US$ F.O.B.	Kg
1996	20.556.518	43.854.119
1997	19.358.426	42.303.457
1998	25.672.765	58.867.833
1999	24.617.250	54.711.186
2000	20.546.994	50.216.062
2001	25.987.334	64.479.030
2002	24.185.797	61.082.297
2003	39.197.358	99.330.457
2004	45.470.193	100.503.687
2005	55.933.049	110.117.389

Fonte: Elaboração do autor a partir de dados da SECEX/MDIC

3. Metodologia

3.1 – Método de Análise

Para atingir os objetivos citados utilizou-se da análise tabular e descritiva e do indicador de desempenho: Vantagem Comparativa Revelada – VCR e da Taxa de Cobertura - TC. Estes indicadores têm por base HAGUENAUER (1989), IE/UNICAMP (1993), HIDALGO (2000), VIANA (2004) e SILVA (2006).

3.2 – Fonte dos dados

As informações necessárias para determinação dos indicadores utilizados neste estudo foram de origem secundária obtidas: na Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) no Sistema Aliceweb (em US$ FOB), na Secretaria de Produção e Comercialização do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Secretaria da Agricultura e Pecuária do Ceará (SEAGRI/CE) e na FAO – Food and Agriculture Organization of the United. Nations.

4. Resultados e Discussão

4.1 – Indicadores de competitividade de melão do rio grande do norte no comércio internacional

O Rio Grande do Norte, apresenta-se em primeiro lugar no ranking dos estados brasileiros exportadores de melão. O principal destino do melão potiguar é para Europa: Países Baixos (Holanda) 34,03% , Reino Unido (31,67%) e Espanha (28,46%) das exportações. Segundo dados do Sistema AliceWeb (2006), as exportações potiguares a cada ano ganham novos mercados, em 2005, foram comercializadas parcelas dessa fruta para Suécia, Portugal, Canadá, França, Noruega e Dinamarca. A seguir analisa-se o desempenho do Estado neste mercado competitivo.

4.1.1 – Indicadores de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR):

Esse índice mostra se a participação das exportações de determinado produto ou setor, é maior ou menor do que sua participação nas exportações totais, em relação ao conjunto de referência. Se o valor do VCR for maior do que 1, pode-se inferir que a região *j* apresenta vantagem comparativa revelada na produção do produto ou setor *i*, em relação à área de referência *k*; se o valor for menor do que 1 indica desvantagem comparativa revelada (VASCONCELOS, 2003).

Como pode ser observado no Quadro 8, o melão exportado pelo Rio Grande do Norte apresenta vantagens comparativas em relação aos seus concorrentes no mercado internacional, principalmente em relação aos estados de São Paulo e Pernambuco. A análise revela que este produto é bem competitivo no mercado internacional. Verificamos que no período corrente de 1996 a 2005, nota-se uma gradativa queda no Indicador e com grande importância destacamos a perda de competitividade em relação aos melões exportados pelo estado do Ceará, sendo os anos de 2002, 2003 e 2005, os pontos onde podemos ressaltar uma desvantagem do indicador.

O melão exportado pelo Rio Grande do Norte em relação ao Mundo não apresenta nenhuma expressão significativa, caracterizando uma pequena queda ao decorrer do período de 1996 a 2000 e permanecendo constante no restante do período, com taxas variando de 0,05 a 0,03.

Quadro 8 - Indicador de VCR do Melão do RN em Relação aos concorrentes no Mercado Internacional (1996-2005)

Estado	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Ceará	11,68	26,21	10,40	3,30	3,03	1,18	0,86	0,99	1,34	0,93
Bahia	300,75	66,65	100,80	49,77	59,06	79,95	28,85	23,74	18,37	33,01
Pernambuco	5,69	16,78	15,57	26,88	48,07	27,92	169,55	111,82	39,07	50,68
São Paulo	81,97	92,36	38,71	80,45	135,00	68,41	243,91	274,54	53.809,47	1.818,28
Mundo	0,05	0,04	0,04	0,04	0,03	0,03	0,03	0,03	0,03	0,03

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos do MDIC.

O Quadro 9, apresenta os indicadores de vantagens comparativas reveladas dos principais países exportadores em relação ao mundo. Os índices calculados

mostram que Honduras, Guatemala e Costa Rica, alguns dos principais exportadores, são mais competitivos em relação aos demais países. Em relação ao Brasil, foi verificada vantagem comparativa durante quase todo o período, somente nos anos de 1997 e 2002 que apresentaram desvantagens comparativas com valores de 0,97 e 0,76 respectivamente. Os Estados Unidos apresenta uma desvantagem comparativa somente no ano de 1997 e 1999, com valor igual a 0,97 e 0,77 respectivamente. A partir do ano de 1999, esta situação se reverteu. Entretanto, somente os Estados Unidos apresentara-se menos competitivos do que o Brasil em relação ao mundo.

Quadro 9 - Indicador das VCR do Melão dos principais exportadores em relação ao mundo (1996-2005)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Brasil	1,01	0,97	1,17	1,00	0,76	1,33	1,33	1,58	1,67	1,85
Espanha	3,29	2,63	2,31	2,30	2,38	2,68	2,33	2,37	2,47	2,41
Costa Rica	2,22	2,73	3,04	2,50	3,75	4,46	4,85	4,73	4,50	4,77
Guatemala	4,41	7,23	5,10	8,70	11,39	7,39	10,49	11,41	9,59	8,92
Honduras	5,50	7,96	9,13	17,13	11,47	9,85	11,82	14,49	13,66	13,75
EUA	1,15	0,97	1,01	0,77	1,09	1,10	1,23	1,11	1,22	1,40

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos da FAO.

4.1.2 – Indicador Taxa de Cobertura (TC):

A Taxa de Cobertura é utilizada para relacionar as exportações com as importações de um produto e servem para obter informações que nos proporcionem estudos sobre competitividade. Quando $TC_{ij} > 1$, identifica-se vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja, as exportações do produto *i* teriam uma dimensão maior, quando comparadas às importações do mesmo produto. A taxa de cobertura determina os pontos fortes e fracos da economia ou região. (HIDALGO, 2003)

Os produtos que apresentam VCR e TC maior que a unidade constituem *pontos fortes* de uma economia. Os produtos que, por ventura, vierem apresentar desvantagens comparativas reveladas e taxa de cobertura inferior a uma unidade são considerados os *pontos fracos* da economia. Através do estudo comparativo dos *pontos fortes e fracos* entre diferentes regiões (estados), alternando-se e um *ponto fraco* de uma região (estado) com um *ponto forte* de outra, é possível identificar os produtos com melhores oportunidades de inserção comercial. (HIDALGO, 2003).

O Quadro 10 apresenta as taxas de cobertura do melão no Brasil. Como podemos verificar todos os estados exportadores com exceção de São Paulo, não atuam como compradores de melão, o que confirma ainda mais a vantagem comparativa dos estados exportadores principalmente o Rio Grande do Norte, que até este ano é o maior exportador do Brasil. Isso também pode significar, o grande potencial do mercado interno, não havendo a necessidade de importação de melão.

Quadro 10 - Indicador de Taxa de Cobertura do Melão dos Principais Exportadores Nacionais (1996-2005)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
RN	0,23	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	-	-	-	-	-	-	2,03	-	-	-
Bahia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Paulo	0,54	0,19	1,12	-	0,02	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos da FAO.
(-) TC - Tende para o infinito, em razão de não haver importação do produto.

O Quadro 11 apresenta as taxas de cobertura do melão em relação ao mundo. Conforme observado: Costa Rica, Guatemala, Brasil e Honduras não atuam como importantes compradores de melão, cabendo esse papel aos Estados Unidos e a Espanha, o que era de se esperar, uma vez que são grandes importadores. Ou seja, a dimensão das exportações de melão de Costa Rica, Guatemala, Brasil e Honduras são superiores as importações do mesmo produto, no entanto isso ocorre ao inverso dos Estados Unidos e Espanha.

Quadro 11 - Indicador de Taxa de Cobertura do Melão dos Principais Exportadores Mundiais (1996-2005)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Brasil	4.237,00	677,67	584,67	2.134,33	######	9.203,00	4.813,00	6.745,50	6.189,50	5.204,67
Espanha	51,04	45,39	30,35	26,31	22,44	21,01	11,97	10,35	7,37	5,77
Costa Rica	-	1.518,57	3.294,50	947,73	######	5.113,00	6.717,00	11.321,00	-	-
Guatemala	362,68	775,77	746,07	1.600,22	######	15.396,00	423,04	359,84	1.077,56	6.734,00
Honduras	4.042,50	2.359,20	2.262,60	2.609,00	261,25	76,63	625,81	180,51	495,39	4.134,25
EUA	0,28	0,21	0,22	0,21	0,21	0,23	0,23	0,22	0,25	0,26

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos da FAO.
(-) TC - Tende para o infinito, em razão de não haver importação do produto.

Comparando-se os resultados dos Quadros 8, 9, 10 e 11 identificaram-se os "pontos fortes e fracos" da competitividade nas exportações de melão nas diferentes regiões/países estudados.

Quadro 12 - Pontos Fortes e Pontos Fracos do Melão no Rio Grande do Norte (1996-2005)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
RN	Neutro	Neutro	Forte	Forte	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos do MDIC.

De acordo com os quadros, mais uma vez, é ressaltado o potencial competitivo do Brasil e conseqüentemente do Rio Grande do Norte, que é o maior produtor e exportador de melão do país. Costa Rica, Guatemala, Brasil e Honduras apresentaram-se como fortemente competitivos no mercado internacional uma vez que os indicadores VCR e TC são maiores que um.

Quadro 13 - Pontos Fortes e Pontos Fracos dos Principais Exportadores de Melão Mundial (1996-2005)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Brasil	Forte	Neutro	Forte	Forte	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Espanha	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Costa Rica	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Guatemala	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Honduras	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
EUA	Neutro	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro

Fonte: Elaboração do próprio autor a partir de dados obtidos da FAO.

5 – Conclusão

As exportações de melão do Rio Grande do Norte mostraram uma taxa de crescimento positiva ao longo do período. O melão foi a fruta mais exportada pelo Estado no período em análise. Mundialmente os maiores produtores de melão China e Turquia não são os principais exportadores destacando-se neste segmento Espanha e Costa Rica. No período em análise houve aumento do número de países importadores do melão norte-riograndense aumentando a participação relativa desta fruta no comércio mundial do nosso Estado.

Foi comprovado que o Rio Grande do Norte, apresentou os indicadores de Vantagens Comparativas Reveladas e Taxa de Cobertura positivos; contudo observou-se que vem perdendo competitividade em relação ao estado do Ceará no mercado internacional.

Acredita-se que o aumento das exportações de melão no Rio Grande do Norte foi decorrente de três principais fatores: a) De ganhos principalmente na competitividade no mercado internacional; b) Da abertura de novos mercados – o caso dos Estados Unidos, que começou a importar melão do Rio Grande do Norte após a Certificação Fitossanitário de Origem, exigido pelo mesmo, que antes eram bloqueados pelas imposições das barreiras não tarifárias, agora quebradas pela especialização do estado na produção de melão e c) Inovações tecnológicas juntamente com incremento em pesquisas e desenvolvimento (COEX, 2006).

Uma importante estratégia para elevar as exportações de melão do Brasil e conseqüentemente do Rio grande do Norte foi a implantação do sistema de produção integrada de frutas (PIF), uma exigência de alguns mercados importadores, principalmente da União Européia. Esse sistema produz frutas de elevada qualidade e sanidade, seguindo normas de sustentabilidade ambiental e segurança alimentar a partir de tecnologias apropriadas, devemos salientar que o Rio Grande do Norte é considerado como Área Livre da Mosca Branca. As frutas produzidas nessas condições recebem um selo que funciona como um elemento diferenciador que permite a sua rastreabilidade. O consumo destes produtos é uma tendência do mercado internacional e um propulsor de competitividade.

Portant,o conclui-se que a produção de melão do Rio Grande do Norte, apresentou vantagem comparativa em termos de competitividade no cenário nacional de frutas. O Estado é competitivo nas exportações de melão e este segmento apresentou-se relevante para o saldo da balança comercial do Estado.

6 – Referências Bibliográficas:

BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e Política Agrícola no Brasil.** 1º edição – Editora Atlas S/A – São Paulo – 2004.

COELHO, M. R. F. Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: **Uma Análise Segundo a Visão Desempenho.** Revista FAE, Curitiba vol. 7 junho 2004.

COEX – Comitê Executivo de Fitossanidade do Rio Grande do Norte. Disponível em: www.coex.gov.br. Acessado em 24 de junho 2006.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. Estudo da competitividade da industria brasileira: Sistema de Indicadores de Competitividade. Campinas: UNICAMP/UFRJ/PDC/FUNCEX. 1993.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations – Disponível em: www.fao.org. Acesso de 16 a 24 agosto 2007.

GONÇALVES, Reinaldo; BAUMANN, Renato; PRADO, Luiz Carlos Delorme; CANUTO, Otaviano. **A Nova Economia Internacional:** Uma Perspectiva Brasileira. 4º Edição – Editora Campus, Rio de Janeiro – 1998.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste.** Fortaleza: volume 29, 1998.

HIDALGO, A.B. & MATA, D.F.P.G. **Exportações do Estado do Pernambuco: concentração, mudanças na estrutura e perspectivas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMISTAS 15, Brasília, DF, 10 a 13 de setembro de 2003. **Anuais.**

HAGUENAUER, L. **Competitividade:** conceitos e medidas uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ Instituto de Economia Industrial. 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em 22 de julho 2006.

MAIA, Jayme de Mariz. **Economia Internacional e Comercio Exterior.** 7º edição – Editora Atlas S/A – São Paulo – 2001.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: www.mapa.gov.br. Acessado em 22 de julho 2006.

MDIC – Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior: Sistema AliceWeb. Disponível em: www.mdic.gov.br. Acessado de 25 a 31 de agosto 2007.

PINHEIRO, A.; HORTA, M. A Competitividade das exportações brasileiras no período 1980 a 1988. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro volume 22 dezembro 1992.

SEAGRI/CE – Secretaria da Agricultura e Pecuária do Ceará – Disponível em: www.seagri.ce.gov.br. Acessado em 23 de julho 2006.

SECEX – Secretaria do Comércio Exterior. Disponível em: www.mdic.gov.br. Acessado em 02 julho 2006.

SEREIA, Vanderley José; NOGUEIRA, Jorge Medeiros e CÂMARA, Marcia Regina Gabardo. As exportações paranaenses e a competitividade do complexo agroindustrial. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 103, p. 45-59, jul. / dez. 2002

SILVA, Etevaldo Almeida. **Competitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do Ceará e do Brasil de 1998 a 2004.** Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Departamento de Economia Agrícola, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TEIXEIRA, S. M.; DELGADO, F. C. Cenários no mercado agrícola internacional: **uma simulação de medidas do GATT e da PAC pela CEE e implicações para o Brasil e o Mercosul.** Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, vol. 31 março 1993.

VIANA, Sciena Sérvia de Araújo. **Competitividade do agronegócio cearense no mercado internacional: O caso da amêndoa da castanha de caju, do melão e do camarão**. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia Rural)-Departamento de Economia Agrícola, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

VASCONCELOS, C.R.F. **Padrão de especialização do fluxo de comercio exterior do Rio Grande do Sul na década de 1990**. In: ENCONTRO DE ECONOMISTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 5, Recife, PE, 5 a 7 de novembro de 2003.

WAQUIL et. al. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas para a união europeia. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL – DINÂMICAS SETORIAIS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 40., 2004, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá, 2004. 1 CD-ROM.